

# **VISÃO DOS AGRICULTORES ECOLÓGICOS SOBRE A BIODIVERSIDADE: ESTUDO DE CASO DOS ASSOCIADOS DA AECIA**

**Simone Portela de Azambuja**

Bióloga, mestre em Desenvolvimento Rural- PGDR - UFRGS, analista na Unidade de  
Negócios Rurais, Banrisul

**Fábio Dal Soglio**

Agrônomo, Doutor em Fitotecnia, Professor do Pós-Graduação em Fitotecnia e  
Desenvolvimento Rural - UFRGS

**Ana Luiza Carvalho da Rocha**

Socióloga, Doutora em Antropologia, Professora do Pós-Graduação em Antropologia -  
UFRGS

## **RESUMO**

Escolheu-se analisar, neste estudo, o grupo de agricultores que pertencem à primeira associação de agricultores ecológicos criada no estado do Rio Grande do Sul. A AECIA – Associação dos Agricultores Ecologistas de Ipê e Antônio Prado, foi criada em 1989, por um grupo de jovens que assumiu o desafio da agricultura ecológica e do associativismo. Esses municípios localizam-se na Serra desse estado, região de forte presença da imigração italiana. Através de seus relatos foi possível observar suas visões atuais e futuras sobre a fauna local.

## **Objetivos**

-verificar o conhecimento que os agricultores ecológicos possuem sobre os animais silvestres;

-verificar se ainda caçam animais e quais os motivos;

-observar que características (do ponto de vista simbólico) consideram significativas nos animais silvestres;

-verificar se fazem ou tem vontade de fazer algum tipo de criação de animais silvestres e com que sentido;

## **Metodologia**

Realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com todas famílias de agricultores economicamente ativas dentro da associação, que produzem e comercializam seus produtos em feiras, entrepostos, armazéns ou possuem outras formas de comercialização. No total, foram dezesseis entrevistas executadas mediante questionário de perguntas abertas e fechadas.

Nesse sentido, optou-se por reunir neste estudo, enfoques oferecidos pelas áreas das ciências humanas e naturais: antropologia e ecologia, história e zoologia, economia e sociologia. Buscou-se, igualmente, associar subjetividade e objetividade, utilizando técnicas qualitativas e quantitativas.

## **Parte dos Resultados**

Crenças religiosas e filosóficas relacionadas ao valor da proteção das espécies e vida natural são encontradas em muitas culturas, em vários lugares do mundo há milhares de anos. Muitas religiões enfatizam a necessidade de as pessoas viverem em harmonia com a natureza e proteger as espécies já que elas são uma criação divina.

Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau, Arthur Schopenhauer são filósofos que elegeram a natureza como elemento importante para o desenvolvimento moral e espiritual do homem. Defensores da vida natural, tais como John Muir e Aldo Leopold esforçaram-se pela preservação das paisagens e a manutenção da saúde dos ecossistemas naturais. Outra percepção relacionada ao tema é a hipótese de Gaia, introduzida por James Lovelock que vê na Terra as propriedades de um “superorganismo” cujos componentes biológicos, físicos e químicos interagem para manter as características da atmosfera e do clima (PRIMACK e RODRIGUES, 2001).

Paralelamente a essas considerações preservacionistas e ecológicas existe uma moderna disciplina, a biologia da conservação, que se fundamenta em pressupostos básicos relacionados as mesmas. A aceitação de uma ou duas das seguintes asserções já seriam razão suficiente para

justificar os esforços em favor da conservação: a diversidade de organismo é positiva, a extinção prematura de populações e espécies é negativa, a complexidade ecológica é positiva, a evolução é positiva, a diversidade biológica tem valor em si (PRIMACK e RODRIGUES, 2001).

Embora a proteção da diversidade biológica seja o ponto central da biologia da conservação, o termo “diversidade biológica” tem significados diferentes para distintas pessoas. Para Sombroek, “a diversidade biológica é a variedade e a variabilidade de organismos vivos e de sistemas ecológicos nos quais eles vivem, sendo produto da evolução” (ASSAD, 2002, p. 211). Já, a definição dada pelo Fundo Mundial para a Natureza (1989) é “a riqueza da vida na terra, os milhões de plantas, animais e microrganismos, os genes que eles contêm e os intrincados ecossistemas que eles ajudam a construir no meio ambiente” (PRIMACK e RODRIGUES, 2001, p. 10).

A diversidade biológica deve ser considerada em três níveis: genético, de espécies e de ecossistemas. A diversidade genética diz respeito à variação dentro de uma mesma espécie, como resposta a processos de modificação de clima, de solo, de condições hídricas, entre outras. Essas variações podem ocorrer lentamente, ao longo do tempo, em períodos de centenas, milhares e, às vezes, milhões de anos, ocasionando uma lenta adaptação dos seres vivos. Podem, igualmente, resultar de variações, às vezes bruscas, sob condições muito específicas, por exemplo, uma seca extrema, uma fertilidade muito alta (ou muito baixa) de solos numa dada área, o que faz com que uma espécie encontre condições mais ou menos favoráveis às quais ela se adapta, migra ou não sobrevive.

Conforme Diegues (2000), no Brasil, ecólogos e biólogos, promotores da introdução da biologia da conservação no país, relacionam claramente seus aspectos científicos com a promoção de políticas públicas referentes à conservação da biodiversidade. Alguns autores alertam para os conflitos entre as propostas de conservação derivadas da biologia da conservação e as populações locais.

No entanto, a aceitação destas pelas comunidades humanas diretamente afetadas (isto é, em vários níveis restringidas em suas atividades correntes) é uma questão de muito mais difícil solução. Deste modo, a integração de perspectivas sociais, econômicas e políticas nas abordagens clássicas da biologia da conservação se torna um aspecto crucial e indispensável (DIEGUES, 2000, p. 12).

Fonseca e Aguiar (1995, p. 61), enfatizam, igualmente, que apesar da biologia da conservação gerar no Brasil estratégias para a conservação da biodiversidade, ela

não fornece todas as ferramentas teóricas e práticas para a consecução dos objetivos ligados à conservação da biodiversidade. Metodologias e enfoques

inovadores e interdisciplinares, que levem em consideração as muitas interfaces existentes entre o processo de desenvolvimento e a base de recursos naturais mantida pelos ecossistemas naturais e seus componentes são necessários para se encontrarem soluções sustentáveis no longo prazo.

Diegues (2000) sustenta que existe um novo conservacionismo que deve estar ancorado, de um lado, no ecologismo social e nos movimentos sociais do Terceiro Mundo que começam a surgir em vários países, por exemplo a Índia, o Zimbábue, o Brasil. Esses movimentos enfatizam, como o faz o novo naturalismo<sup>1</sup>, a necessidade de se construir uma nova aliança entre o homem e a natureza, baseada entre outros pontos, na importância das comunidades tradicionais indígenas e não-indígenas na conservação das matas e outros ecossistemas presentes nos territórios em que habitam. Para tanto, deve ser criada uma nova aliança entre os cientistas e os construtores e portadores do conhecimento local, partindo de que os dois conhecimentos – o científico e o local – são igualmente importantes.

Tendo como referência as idéias acima enunciadas passa-se às visões dos agricultores sobre a biodiversidade local.

Em relação à fauna, nos últimos dez anos, 62% dos entrevistados acreditam que o número de animais aumentou, 19% dizem que diminuiu e outros 19% julgam que permanecem iguais.

De forma geral, as causas para o aumento são a existência de leis ambientais de proibição à caça, aumento da conscientização e o menor tempo das pessoas para caçar. A origem da diminuição está no maior uso de agrotóxicos (que matam os animais), na poluição e no fato de os animais não conseguirem se reproduzir pela falta de florestas que são o seu habitat.

O resultado do questionamento feito ao grupo sobre os animais que não são mais vistos atualmente foi o seguinte:

---

<sup>1</sup> Moscovici, S. 1974. Hommes domestiques, hommes sauvages. Paris: Col. 10/18.

Tabela 5

**Animais que não são mais vistos atualmente na região**

Animais que não são mais vistos atualmente	Nome científico ou família*	Número de agricultores que mencionaram o animal
Anta	<i>Tapirus terrestris</i>	2
Canário (da terra)	<i>Sicalis flaveola</i>	1
Gralha azul	<i>Cyanocorax chrysops</i>	1
Lebre	Leporidae	1
Leopardinho (jagatirica ou gato-do-mato)	Felidae	1
Lobo guará	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	1
Nhandu (ema)	<i>Rhea americana</i>	2
Mão pelada	<i>Procyon cancrivorus</i>	1
Onça	<i>Panthera onca</i>	1
Paca	<i>Agouti paca</i>	2
Perdigão	<i>Rhynchotus rufescens</i>	1
Perdiz	<i>Nothura maculosa</i>	3
Pomba	Columbidae	1
Sabiá	Turdidae	1
Tamanduá	Myrmecophagidae	1
Tatu	Dasypodidae	1

N=16

Fonte: Azambuja, Simone, 2005.

\* Em alguns casos, como não foi possível identificar a espécie, colocou-se apenas a família.

Quanto aos animais silvestres mais comuns da região, os mais lembrados estão na tabela a seguir:

Tabela 6

**Animais silvestres mais comuns na região**

Animal silvestre	* Nome científico ou família	Número de agricultores que mencionaram o animal
Andorinha	Hirundinidae	1
Beija-flor	Trochilidae	1
Bugio	<i>Alouatta fusca</i>	5
Capivara	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	8
Cascavel	<i>Crotalus durissus</i>	3
Cardeal	<i>Paroaria coronata</i>	1
Cobra d'água	Colubridae	1
Cobra verde	Colubridae	2
Coati	<i>Nasua nasua</i>	7
Cutia	<i>Dasyprocta azarae</i>	5
Coral	Elapidae	4
Curicaca	<i>Theristicus caudatus</i>	2
Ema	<i>Rhea americana</i>	6
Garça	Ardeidae	1
Gambá de orelha branca (raposa)	<i>Didelphis albiventris</i>	11
Gavião	Accipitridae	1
Gato-do-mato	Felidae	5
Gralha azul	<i>Cyanocorax chrysops</i>	4
Graxaim	Canidae	10
Irara	<i>Eira barbara</i>	1
Jacu	Cracidae	7
Jararaca	<i>Bothrops jararaca</i>	1
João-de-barro	<i>Furnarius rufus</i>	3
Lagarto	Teiidae	6
Lebre	Leporidae	11
Lobo-guará	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	3
Mão-pelada	<i>Procyon cancrivorus</i>	2
Morcego	Molossidae	1
Papagaio	<i>Amazona pretrei</i>	3
Pardal *	<i>Passer domesticus</i>	1
Perdigão	<i>Rhynchotus rufescens</i>	2
Perdiz	<i>Nothura maculosa</i>	1
Pica-pau	Picidae	1
Pomba do mato	Columbidae	3
Pomba rola	Columbidae	8
Porco espinho	<i>Coendou villosus</i>	5
Quero-quero	<i>Vanellus chilensis</i>	3
Rabo de palha	<i>Guira guira</i>	2
Ratão do banhado	<i>Myocastor coypus</i>	3
Sabiá	Turdidae	5
Saracura	<i>Rallus maculatus</i>	1
Seriema	<i>Cariama cristata</i>	5
Tamanduá	Myrmecophagidae	7
Tatu	Dasypodidae	13
Tico-tico	<i>Zonotrichia capensis</i>	3
Tucano	Ramphastidae	9
Urubú	<i>Coragyps atratus</i>	1
Veado	Cervidae	14
Zorrilho	<i>Conepatus chinga</i>	2

n=16

Fonte: Azambuja, Simone, 2005.

O pardal apesar de ser exótico, foi lembrado como silvestre. Talvez pelo enorme tempo de adaptação que ele já possui no Estado.

Os ofídios foram citados por muito poucos. Aliás, é significativa a rejeição que a maioria desses agricultores tem por esta classe animal. Através desse relato poderemos observar esta constatação.

Agricultor - Eu quando vejo uma cobra, a primeira coisa é não deixar escapar, só a verde que eu não me preocupo, mas as outras. Às vezes eu sulfato as parreiras e deixo, ela não incomoda, mas aquelas que tu enxerga lá fora, mas aquela dificilmente tu leva mordida. Mas tem uma outra preta, que se fala cobra de banhado, aquela provavelmente só come peixe, eu acho, porque ela não incomoda. Agora fora essas aí não tem nenhuma que eu deixaria viva, só aquela que tu está dizendo aí eu não conheço.

Cascavel tem umas. Depois tem aquela de rabo branco, que dizem que é a pior, mas aquela é uma cobra pequena, a ponta do rabo é branco, aquela te enfrenta, se tu está ali, se ela é da grossura do dedo ela se abre e fica largona assim, demônio... Daí conforme o que se apresenta ela te enxerga mal e mal, tu faz um barulhinho, ela já fica pronta pra te morder. Não deixo escapar uma, porque eu tenho medo. Sabe que um dia me aconteceu, faz uns quatro, cinco anos, eu peguei a foicinha e fui cortar pra vacas e não é que veio aquele milheto, tinha uma baita duma jararaca, daquelas bem grisadas, bem enrolada, eu passei a foicinha por cima e a mão. Ela não quis morder porque estava dormindo eu acho, até acho que não se mexeu não sei porque. Mas depois daquela nunca mais que deixo uma cobra escapar, porque tu está sempre trabalhando no meio da sujeira, da capoeira ou mato, sei lá ... grama. Nas lavouras é sempre perigoso. Tu está sujeito à picada de cobra. Então, depois daquela eu não deixo escapar nenhuma. (E13)

Araújo e Ely (1978, p. 20), citam que

a estória da serpente começa com a história do mundo. No paraíso, ela aparece como o princípio do mal, causando a primeira queda do homem, recebendo então, do Senhor, a maldição de 'andar de rastro sobre o ventre, comer pó todos os dias de sua vida e estar em constante luta com a espécie humana.

As serpentes foram cultuadas entre os povos da antiguidade que, por meio da adoração ou veneração, procuravam agradá-las para se livrarem do mal que poderiam causar.

Na Grécia Antiga, teve grande importância o mito da serpente “Píton” que tinha 100 cabeças e foi morta por Apolo com suas flechas. Esculápio, pai da Medicina e da magia, tinha a serpente como um dos seus principais atributos, visto que ela simbolizava a renovação da vida, o rejuvenescimento e o renascimento. Era igualmente considerada símbolo da prudência e da ponderação.

No Antigo Egito, a serpente era considerada símbolo da fertilidade. Na Índia e Indochina, era venerada a serpente de sete cabeças ou deus-serpente. Na mitologia mexicana, Coatlicué, mulher-serpente, era protetora das parturientes. Entre os maias e astecas a serpente significava a força geradora da vida e da sexualidade (ARAÚJO e ELY, 1978).

Na cultura ocidental não se encontram vestígios de culto ou veneração às cobras (se houvesse, provavelmente seriam menos sacrificadas). O que se observa é um medo exagerado e supersticioso transmitido de geração para geração desde tempos imemoriais.

Araújo e Ely (1978) fazem referência crítica a crenças enganosas encontradas no Brasil, principalmente nas zonas rurais, o que auxilia na desmistificação de muitas estórias contadas a respeito das serpentes.

Araújo e Alves (1992) alertam para que todos os agricultores deste país, principal alvo das cobras, tome todas as precauções que estiverem ao seu alcance para não serem vitimados. Antes de se vestirem, devem observar se suas roupas e botas não abrigam a companhia dos ofídios. É sabido que 80% dos acidentes podem ser evitados se o produtor utilizar botas de cano alto ou perneiras de couro com botina. Aliás, o uso de botinas evita 60% dos acidentes e o simples sapato já impede 50% das possibilidades de envenenamento. Essas orientações possuem uma explicação lógica: as cobras, em sua maioria, dão botes de até um terço de seu tamanho, com exceção da temível surucucu, que ultrapassa este limite.

Os ofídios possuem papel fundamental na cadeia alimentar dos ecossistemas, mantêm o equilíbrio natural no meio ambiente, alimentando-se, por exemplo de roedores, que são atraídos pelas culturas agrícolas e pelo lixo que o homem introduz nos meios rural e urbano. Economicamente, possuem grande importância através dos produtos que deles são extraídos e para a saúde pública. Por exemplo, os venenos das serpentes são utilizados na fabricação de medicamentos para hipertensão, cola cirúrgica, analgésicos, entre outros<sup>2</sup>.

Voltando à Tabela 5, pode-se averiguar que as classes mais lembradas são, em primeiro lugar, a dos mamíferos e, secundariamente, a das aves.

As atitudes de simpatia para com os animais se inserem diversificadamente de acordo com as culturas locais. Os mamíferos assumem nesse cenário, um lugar especial, mesmo tratando-se de animais aquáticos, instância em que os peixes são menos considerados que os golfinhos,

---

<sup>2</sup> Araújo, Moema Leitão de; Alves, Maria Lúcia Machado. Porto Alegre, Revista Natureza em Revista. Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, n.13, ago. 2002.



mesmo que ambos sejam companheiros de uma mesma rede de pesca (DESCOLA, 1998 apud DAL FARRA, 2003).

Acredita-se, igualmente, que a proximidade do ponto de vista fisiológico e comportamental favoreça essa maior identificação com os mamíferos.

No conjunto dos mamíferos silvestres citados, alguns estão ameaçados de extinção: anta, bugio, gato-do-mato, jaguatirica, lobo-guará, onça, paca, tamanduá e algumas espécies de veados, conforme Fontana, Bencke e Reis (2003). Interessante observar que alguns destes animais são vistos com frequência pelos agricultores, o que demonstra que talvez possa estar havendo um aumento na população dos mesmos nessas localidades. Pesquisadores da área de Mastozoologia da Fundação Zoobotânica relataram que não existe estudo sobre mamíferos silvestres realizado nessa região do Estado.

No Rio Grande do Sul, as principais causas de declínio e extinção de espécies são: destruição de hábitat, descaracterização de hábitat, caça ilegal e pesca predatória, efeitos de poluentes, introdução de espécies exóticas, comércio ilegal, interações com a pesca comercial (por exemplo, captura incidental de aves marinhas em espinhéis ou o emalramento de botos em redes de pesca), coleta predatória, agentes patogênicos e hibridação, relatam Fontana, Bencke e Reis (2003).

Animais como os insetos, que possuem papel essencial na agricultura, em atividades de polinização e controle biológico, não foram lembrados por esses agricultores. Talvez esse fato seja realmente uma unanimidade para a população em geral. Refletindo sobre o assunto pode-se considerar que, a maioria das pessoas não costuma associar as palavras “animal silvestre” a insetos.

Mas, seria importante lembrar que longe dos refletores dirigidos aos grandes astros da conservação – doces pandas, simpáticos elefantes e esbeltas girafas – insetos, nematóides, acarinos e organismos patogênicos desempenham papel fundamental: o controle de pragas. Na maioria dos casos, os mesmos são recrutados no ambiente natural de onde provêm as pragas. A escala do controle biológico é expressiva: nos últimos 100 anos, cerca de 300 pragas de insetos foram controladas por 560 espécies de seus inimigos naturais. Estima-se que, aproximadamente, 40% dos programas de controle biológico de insetos e 30% dos programas de controle de plantas não-desejáveis são bem-sucedidos. Os procedimentos, de forma geral, são muito baratos e ao ser estabelecido o controle biológico se mantêm, evitando novos gastos de tempo e dinheiro (BENSUSAN, 2002).

Além disso, a polinização (realizada por muitos animais, principalmente os insetos) é um processo-chave para garantir a produtividade agrícola.

Muito da chamada biodiversidade reside nas plantas produtoras de pólen e nos animais que realizam seu transporte. Como uma grande quantidade das plantas que compõe a dieta alimentar

humana e suas vestimentas depende de polinizadores animais para se reproduzir, a crise da biodiversidade não acontece apenas na Amazônia, acontece nas hortas, nos campos de agricultura, nos supermercados, nos restaurantes, nos shoppings, nos grandes magazines de roupas, nas carrocinhas de cachorro-quente, enfim, ao redor do homem.

Muitos desses polinizadores vivem e se alimentam em áreas de vegetação natural e polinizam campos de agricultura, hortas e jardins adjacentes, prestando um importante serviço (vale ressaltar que há cerca de 25 mil espécies de abelhas polinizadoras e que a maioria delas são abelhas solitárias que não produzem mel). Nem todo animal que visita uma flor é um polinizador. Há polinizadores específicos para cada planta. Considerados sob o ponto de vista das flores, eles são um recurso escasso. O desaparecimento dos polinizadores naturais possui múltiplas causas, como a destruição e fragmentação de habitats naturais, uso de práticas agrícolas inadequadas, pecuária, uso de pesticidas e herbicidas e a introdução de polinizadores não-nativos. Através do reconhecimento do problema e de suas conseqüências econômicas algumas ações para reverter esse quadro já estão em curso. Nos Estados Unidos, está em curso uma proposta para a criação de uma política nacional de polinização (BENSUSAN, 2002).

Dando continuidade às observações do presente estudo, para 87,5% dos agricultores os animais silvestres, em geral, não representam uma ameaça. Destes últimos, 31,25% responderam que algumas espécies são uma ameaça em função das investidas que fazem contra as lavouras. Apenas 12,5% dos entrevistados consideram os mamíferos e aves como ameaçadores.

A parcela de 56,25% acredita que a fauna silvestre está ameaçada por caçadores.

Indagando-se sobre uma característica que considerassem importante nos animais silvestres 44% dos entrevistados afirmam que eles são importantes à medida que possuem uma função no ecossistema que é, principalmente, a de equilíbrio das populações. Realizam controle populacional tanto da sua quanto das outras espécies (inclusive das que se tornam pragas).

Abaixo, tem-se as falas sobre o tema:

Agricultor - O fato de ele ser um controlador dos animais eu acho. Sei lá, não sei se é nesse sentido também. Acho que ele é importante porque ele faz parte do ecossistema, se a gente na terra, na agricultura, faz esse trabalho pra preservar o ambiente, o ecossistema da terra, então eu acho que toda a cadeia é importante. Daí se a minhoca, se um outro fungo, um outro bichinho não existir é porque um outro comeu ele. Se começarem a existir demais, também é porque tem um outro que está faltando. (E11)

Agricultor - O lagarto come as cobras, ratos... eu acho muito interessante. Agora o gambá pra mim podia... não sei o que ele traz de benefício. Quando pegava as galinhas, meia noite gritavam, gritavam...

Se tu for analisar, as lebres dão prejuízo pros vizinhos. Eu vejo de interessante nos animais silvestres é que eles fazem parte do sistema e comem um monte de bichinhos tipo: vaquinha, mosca da fruta. Pra nós eles não chegam a ser prejudiciais, fazem parte de um sistema, o único é o gambá. Eles se escondem no galpão, fazem o ninho deles no galpão. Então imagina, fazem cocô... (E16)

Conforme Silva (1984), alguns mamíferos aprenderam a viver no ambiente artificial criado pelo homem e tornaram-se pragas. Contra essas espécies são promovidas verdadeiras guerras de extermínio, mas elas continuam proliferando, pois encontram alimentação abundante onde habitam, seja na zona urbana ou rural. Nesses combates é comum o homem envenenar e matar também animais que não o prejudicam, pela falta de estudos e de um controle adequado. Em muitas ocasiões, algumas espécies são acusadas, levemente, de atacarem plantações ou animais domésticos e são combatidas mesmo não havendo estudos que comprovem esses danos. O desconhecimento sobre a verdadeira causa do prejuízo e também sobre a biologia da espécie não possibilita métodos de controle realmente eficazes e com efeitos duradouros.

Ainda, segundo o mesmo autor, todas as situações que envolverem manejo de espécies de animais silvestres devem ser levadas aos órgãos competentes e solucionadas com base em conhecimento científico. Informações gerais básicas sobre a fauna brasileira que pudessem ser acessadas por toda a população, também seria um passo fundamental para a formação e ampliação de uma consciência popular mais ecológica. A mentalidade dominante da população sul-rio-grandense sobre os mamíferos não é condizente com o verdadeiro valor desse importante patrimônio ecológico e cultural. Os moradores da zona rural são os que têm melhores condições de conhecer as espécies silvestres, todavia, algumas vezes este conhecimento encontra-se restrito a situações empíricas ou relatos que são transmitidos através de gerações. Muitas vezes, envoltos nas lendas e superstições, os animais acabam sempre em posição de inimigos e não são valorizados como deveriam.

Um caso típico que se pode citar é o dos graxains que são considerados nocivos por seu suposto hábito de atacar animais de criação. No entanto, estudos sobre o conteúdo de seus estômagos inocentam os mesmos. Nos poucos casos em que foi, de fato, constatada a presença de restos de ovinos em seus estômagos, estes eram sobretudo de carniça, o que evidencia apenas a ingestão de partes de animais já mortos. A maior proporção do alimento de origem animal era de ratos, evidenciando sua importância como predador (SILVA, 1984).

Para 25% dos agricultores a beleza associada aos animais é uma característica significativa. É o que diz E9:

Agricultor - Embelezar a natureza, é uma coisa diferente, anima também. (E9)

Nos registros são visíveis, também as ligações da liberdade, a independência, a alegria, o aspecto do instinto, de uma menor maldade, do cuidado com os filhos e até um suposto “juízo” como elementos peculiares à natureza dos animais.

Na averiguação sobre se os entrevistados já haviam comido carne de caça e em que situação, 94% deles disseram que comeram carne de caça. Apenas um falou nunca ter comido.

Porém, 12,5% dos entrevistados sempre foram contra a caça.

Já, 44% comeram a caça silvestre pela questão da tradição.

Agricultor - Tatu, lebre, algumas pombas. Quase todo mundo caçava para comer algo diferente, era tradição passarinhada. Existiam famílias que caçavam animal de todo tipo. A diversão era caçar e pescar. (E3)

Agricultor - Eu nem me lembro mais. Agora, antigamente caçavam mais, sabe. Eles caçavam, se reuniam, juntavam as pombas, os jacus, faziam aquelas fornadas, né.

Era mais costume. Hoje eu acho que é mais fácil tu ir lá no mercado e comprar uma carne e fazer um churrasco do que ir caçar. Mas uma vez teve por capricho. É que eles faziam aquelas roçadas nas encostas, aí plantavam milho e trigo. E depois então os bichos vinham e comiam e daí eles faziam aquelas cevas e caçavam, na verdade caçavam bastante. (E15)

A partir de algumas falas se observou que a tradição da “passarinhada” ainda se mantém viva. Ao mesmo tempo alguns registros, como os abaixo citados demonstram certa mudança de mentalidade por parte da população.

Agricultor – A facilidade das coisas, né. A facilidade das coisas hoje. Porque antes tinha condições de perder um tempo, uma meia hora e pegar um passarinho e hoje tu não tem mais, o pessoal não tira mais o tempo pra isso, não tira. (E11)

Agricultor - Antigamente a gente tinha este hábito de caçar. Agora não. Era pomba, era Uru acho que chama. É, mais eram estes passarinhos ali. Até sabiá antigamente se comia.

Eu assim caçar, só quando eu era menino. Tinha uns dois anos quando eu cacei, acho. Mas quando eu cheguei, um dia eu tinha feito uma ceva assim, aí cheguei e começaram a chegar as pombas e vinham devagarzinho, bom... mas era um bichinho tão lindo. Pra que matar? Aí depois eu comecei a colocar na cabeça isso aí: não vou mais matar e dá pena do bichinho, né...

Na argüição sobre a vontade de fazer criação de algum tipo de animal silvestre, 75% dos entrevistados não possuem vontade e 25% têm interesse nesta atividade.

Os que têm interesse dizem que “é bom ter perto de casa para ‘contentar os olhos’, apreciar a beleza”(19%).

Um dos agricultores declarou que faria criação de animais silvestres “para não deixá-los desaparecer”, e utilizá-los como alimento também (em último caso) (19%).

## **Conclusões**

Em relação à influência da questão étnica na forma como esses agricultores percebem a natureza, um dos aspectos que chamou a atenção foi o fato de a tradição da “passarinhada” ainda se manter viva. Ao mesmo tempo, alguns registros, principalmente por parte da geração mais jovem, demonstram que atualmente já existe uma mudança de mentalidade nesta questão.

A hipótese de que existe uma tendência a uma visão utilitarista em relação aos animais foi confirmada. A preponderância desse tipo de visão foi corroborada através das estatísticas relativas ao tema apresentadas neste estudo.

A agricultura ecológica nasceu de um movimento que faz a tentativa de resolver uma crise que é social, ambiental, política, mas, também ética. Entende-se pelo termo que ela abarca um conjunto de modelos alternativos ao padrão agroindustrial de produção. Nesse modelo, é necessário entender o funcionamento de sua forma de produção de maneira global e sistêmica.

Os atores sociais, embora possam não ser conscientes disso, têm uma capacidade transformadora de criar um diferencial na produção de suas práticas e assim modificar os padrões de ações sociais dominantes (GUIVANT, 1995).

## **Bibliografia**

ARAÚJO, M. L.; ALVES, M. L. M. O que vem de baixo também atinge. Revista A Granja, n. 527, p. 33- 37, ano 48, agosto 1992.

ARAÚJO, M. L.; ELY L. A. M. Serpentes: sua influência na imaginação popular. Natureza em Revista, n. 5. dez. 1978, p. 20-23, série I – lendas, crendices e fatos. Publicação da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. ASSAD, M. L. L. Conservação de solos e biodiversidade. In: BENSUSAN, N. Seria melhor mandar ladrilhar? Biodiversidade como, para que, por quê. Brasília. Editora Universidade de Brasília: Instituto Socioambiental, 2002. 252 p.

DAL FARRA, R. A. Representações de animal na contemporaneidade: uma análise na mídia impressa. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Tese (Doutorado em de Educação) Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

DIEGUES, A. C. Etnoconservação – novos rumos para a conservação da natureza. 2. ed. São Paulo: Hucitec e Anna Blume, 2000. 290 p.

FONSECA , G.; AGUIAR L. Enfoques interdisciplinares para a conservação da biodiversidade: a experiência do Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre da UFMG. In: Abordagens interdisciplinares para a conservação da biodiversidade e dinâmica do uso da terra no Novo Mundo. Belo Horizonte: Conservation International – UFMG – University of Florida, 1995.

FONTANA, C. S.; BENCKE, G. A.; REIS R. E. (org.) Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GUIVANT, J., S. A agricultura sustentável na perspectiva das ciências sociais. In: Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania. São Paulo: Cortez, 1995.

PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. Biologia da Conservação. Londrina, 2001. Capa, Projeto gráfico e diagramação - Visualitá Programação Visual, Dados de catalogação na Publicação (CIP) Internacional.